

recordação mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Era uma velha que vivia num sapato,
Com tantos filhos, não tinha mãos a medir;
Dava-lhes caldo sem pão nenhum;
Cobria-os de chicotadas e punha-os a dormir.*

P O E M A I N F A N T I L



Memória, a sentinela do cérebro.

W I L L I A M S H A K E S P E A R E

C A P Í T U L O 1



A morte não tirava férias. Nova Iorque podia estar coberta de brilho e encanto, euforicamente engalanada naquele dezembro de 2059, mas o Pai Natal estava morto. E dois dos seus duendes também não pareciam em grande forma.

Rodeada da insanidade de Times Square, a tenente Eve Dallas encontrava-se no passeio a examinar o que restava do Pai Natal. Uns quantos miúdos, pequenos o bastante para acreditarem que um tipo gordo desceria pela chaminé para lhes levar presentes, em vez de os assassinar durante o sono, guinchavam com uma intensidade capaz de perfurar tímpanos. Eve perguntou-se por que não os levariam dali.

Os miúdos não faziam parte do seu trabalho. Graças a Deus. Preferia aquela massa ensanguentada aos seus pés.

Olhou para cima, bem para cima. O Pai Natal caíra do trigésimo sexto piso do Broadway View Hotel, relatara o primeiro agente a chegar ao local. Gritara «Ho, ho, ho» — segundo testemunhas — e esborrachara-se no passeio, atingindo um pobre filho da mãe que por ali andava, naquela festa interminável.

A tarefa de separar os dois corpos esmagados não seria agradável, calculou Eve.

Outras duas vítimas tinham escapado com ferimentos ligeiros — uma das quais caíra, simplesmente, como uma árvore, e batera com a cabeça no passeio, tendo ficado em choque ao ver-se coberta de borrifos

de sangue e massa encefálica. Para já, Dallas deixaria os paramédicos ocuparem-se dessas duas pessoas, e ouviria os seus depoimentos quando estivessem mais lúcidas.

Já sabia o que se passara ali. Via-o nos olhos vidrados dos pequenos ajudantes do Pai Natal.

Encaminhou-se para junto deles, com o seu casaco comprido de pele preta esvoaçando no ar gelado. Eve Dallas era alta, com membros longos e esguios, e tinha um rosto magro, emoldurado por um cabelo castanho curto. Os seus olhos amendoados eram da cor de um bom uísque velho. E como tudo nela, eram olhos de polícia.

— O tipo vestido de Pai Natal é vosso amigo?

— Oh, caramba. O Tubbs. Oh, caramba.

Um era negro, o outro, branco, mas de momento estavam ambos ligeiramente verdes. Não era de admirar. Não deviam ter ainda trinta anos, e a avaliar pelos seus disfarces caros, eram provavelmente jovens executivos da empresa que vira a sua festa de Natal tão rudemente interrompida.

— Vou pedir que vos levem para a Central de Polícia, onde poderão prestar declarações. Gostava que se submetessem voluntariamente ao despiste de substâncias ilegais. Caso contrário... — Esperou um segundo, esboçou um pequeno sorriso. — Terá de ser feito à força.

— Oh, caramba, oh, merda. O Tubbs. Está morto. Está morto, não está?

— Sim, é oficial — disse Eve, e voltou-se para fazer sinal à sua parceira.

A inspetora Peabody, que agora usava uma sofisticada ondulação no seu cabelo escuro, estava agachada junto à amálgama de partes de corpos. Ao ver o gesto de Eve, endireitou-se. Peabody também parecia esverdeada, reparou Eve, mas estava a aguentar-se.

— Tenho a identificação de ambas as vítimas — anunciou. — O Pai Natal é Lawrence, Max, vinte e oito anos de idade, morava na Midtown. O tipo que... eh... apanhou com ele em cima é Jacobs, Leo, vinte e três anos. Queens.

— Vou mandar estes dois para a Central, pedir o teste de estupeficientes e ouvir os depoimentos, quando terminarmos isto aqui. Calculo que queiras ir lá acima, ver o local, falar com as outras testemunhas.

— Eu...

— És a investigadora principal neste caso.

— Pois. — Peabody respirou fundo. — Não falaste com eles?

— Deixo isso para ti. Queres começar já?

— Bem... — Peabody perscrutou a cara de Eve, à procura da resposta certa. Eve não a deixou ler nada. — Estão bastante abalados, e isto aqui está um caos, mas... É mais fácil arrancar-lhes alguma coisa aqui e agora, antes de se acalmarem e de perceberem que podem estar metidos em sarilhos.

— Qual queres?

— Hum. Fico com o negro.

Eve anuiu, voltou para trás.

— Você — apontou. — Nome?

— Steiner. Ron Steiner.

— Vamos dar um passeio, senhor Steiner.

— Sinto-me indisposto.

— Acredito. — Fez-lhe sinal para que se pusesse de pé, segurou-lhe o braço e caminharam alguns metros. — Trabalhava com o Tubbs?

— Sim. Sim. Na Tyro Communications. Costumávamos... sair juntos.

— Tipo grande, não é verdade?

— Quem, o Tubbs? Sim, sim. — Steiner limpou o suor da testa. — Devia pesar uns cento e dez quilos, julgo. Então, achámos que seria divertido ele alugar o fato de Pai Natal para a festa.

— E que brinquedos e guloseimas é que o Pai Natal trazia hoje no seu saco, Ron?

— Oh, caramba. — Ele escondeu a cara atrás das mãos. — Oh, meu Deus.

— Ainda não estou a interrogá-lo oficialmente, Ron. Vou fazê-lo mais tarde, mas, para já, gostava que me contasse o que se passou. O seu amigo está morto, tal como um pobre coitado que ia a passar na rua.

Steiner falou por entre os dedos.

— Os patrões organizaram um almoço de *buffet* para a festa da empresa. Nem sequer pagaram cerveja, está a ver? — Ron estremeceu duas vezes, com força, depois deixou cair os braços. — Então, juntámo-nos uns quantos e pagámos a suite para o dia inteiro. Quando os chefões se foram embora, fomos buscar as bebidas e... os químicos recreativos. Por assim dizer.

— Tais como?

Ele engoliu em seco e olhou-a, finalmente, nos olhos.

— Sabe como é, um pouco de Exótica, algum Push e Jazz.

— Zeus?

— Não me meto nisso. Eu faço o teste, e vai poder confirmar. Só dei umas passas de Jazz. — Eve não disse nada, limitando-se a fitá-lo. Os olhos dele encheram-se de lágrimas. — Ele nunca tomava drogas duras. O Tubbs não tomava nada disso, caramba, *juro*. Se tomasse, eu teria sabido. Mas acho que hoje tomou alguma coisa, talvez misturada com Push, ou pode ter sido outra pessoa a fazer a mistura. Idiota — disse, com as lágrimas a rolaem-lhe pela cara. — Estava excitado, dava para ver. Mas, caramba, era uma *feira*. Estávamos só a divertir-nos. Estava toda a gente a rir e a dançar. Até que o Tubbs abre a janela.

Agora as mãos dele não paravam. Passavam-lhe pela cara, pelo pescoço, pelo cabelo.

— Oh, Deus, oh, Deus. Achei que era por causa do fumo. Quando dou por isso, ele está a subir para o parapeito, com um grande sorriso estúpido na cara. Grita «Feliz Natal a todos, e a todos uma boa noite». E salta da porra da janela. De cabeça. Valha-me Deus, desapareceu num instante. Ninguém pensou sequer em deitar-lhe a mão. Aconteceu tão depressa, tão depressa, raios. As pessoas começaram a gritar e a correr, e eu corri para a janela e olhei para baixo.

Esfregou as mãos na cara, estremeceu de novo.

— E gritei que ligassem para o 112, enquanto eu e o Ben corríamos para a rua. Não sei porquê. Éramos amigos dele, e corremos para a rua.

— Onde foi que ele arranjou a droga, Ron?

— Caramba, isto é de doidos. — Desviou o olhar e contemplou a rua, por cima da cabeça de Eve. Travando, como ela sabia, aquela pequena batalha interior entre denunciar e calar-se.

— Deve tê-la comprado ao Zero. Alguns de nós juntámos dinheiro para comprar um pacote de festa. Mas nada de pesado, *juro*.

— Onde é que o Zero opera?

— Tem um ciberclube, na esquina da Broadway com a 29th. O Zero's. Vende drogas recreativas clandestinamente. O Tubbs era inofensivo. Era só um tipo grandalhão e estúpido.

O tipo grandalhão e estúpido e o infeliz que ele esmagara estavam a ser raspados do passeio quando Eve se dirigiu para a sede da festa. Encontrou exatamente o que esperava encontrar: uma tremenda confusão de roupa caída, bebidas derramadas, comida espalhada pelo chão. A janela

continuava aberta, e ainda bem, uma vez que o cheiro a fumo, vomitado e sexo ainda perdurava.

As testemunhas que não tinham fugido como ratos haviam prestado depoimento em quartos contíguos, tendo depois sido libertadas.

— Qual é o teu palpite? — perguntou Eve a Peabody, atravessando o campo de minas de pratos e copos em que a alcatifa se convertera.

— Além de o Tubbs não ir passar o Natal a casa? Bem, o pobre idiota estava eufórico, provavelmente achou que o Rodolfo estava lá fora, com as outras renas e o trenó. Saltou, diante de mais de uma dúzia de testemunhas. Morte por Estupidez Extrema.

Eve ficou em silêncio, a olhar pela janela, e Peabody parou de recolher os comprimidos que ia encontrando no chão.

— Tens outro palpite?

— Ninguém o empurrou, mas alguém o ajudou a ficar extremamente estúpido. — Eve esfregava distraidamente a anca, que ainda lhe doía de vez em quando, por causa de um ferimento recente. — O exame toxicológico vai acusar algo mais do que antidepressivos ou comprimidos para o deixar com pau três horas.

— Nada nos testemunhos indica que alguém tivesse alguma coisa contra o tipo. Era só um tipo palerma. E foi ele que trouxe as drogas.

— Precisamente.

— Queres ir atrás do traficante?

— Foram as drogas que o mataram. O tipo que lhas vendeu tinha a arma do crime. — Deu-se conta de que estava a friccionar a anca, parou e deu meia-volta. — O que sacaste às testemunhas sobre o consumo de estupefacientes da vítima?

— Não consumia habitualmente. Só tomava de vez quando, em festas. — Peabody fez uma pausa. — E uma das formas de os traficantes aumentarem o negócio é intensificarem o produto aqui e ali. OK. Vou ver se os Estupefacientes têm alguma coisa sobre este Zero, depois vamos falar com ele.

Eve deixou Peabody dirigir as operações e encarregou-se de obter os dados sobre os parentes das vítimas. Tubbs não era casado e vivia sozinho, mas tinha uma mãe, que vivia em Brooklyn. Jacobs tinha mulher e um filho. Como provavelmente não seria necessário investigar qualquer das vítimas, Dallas contactou um conselheiro de luto do departamento.

Informar os parentes mais próximos nunca era fácil, mas a época natalícia tornava a tarefa ainda mais difícil.

De volta ao passeio, olhou para as barricadas da polícia e a multidão do outro lado, as manchas feias no passeio. O que acontecera fora uma estupidez, e fora puro azar, e tinha demasiados elementos de farsa para ser ignorado.

Mas dois homens que nessa manhã estavam vivos encontravam-se agora em sacos a caminho da morgue.

— Minha senhora! Minha senhora! *Ei, minha senhora!*

À terceira chamada, Eve olhou em redor e viu o miúdo que passara por baixo da barreira policial. Trazia uma mala de viagem de aspeto usado que era quase do seu tamanho.

— Estás a falar comigo? *Pareço-te* uma senhora?

— Tenho aqui mercadoria de primeira. — Mais impressionada do que surpreendida, Eve viu o miúdo abrir o fecho da mala. Uma estrutura de três pernas saiu do fundo e a mala converteu-se numa mesa repleta de cachecóis. — Primeira qualidade. Cem por cento caxemira.

O miúdo tinha a pele da cor de café genuíno, e olhos de um verde inacreditável. Trazia um *airboard* pendurado às costas, com a prancha pintada em tons de vermelho-vivo, amarelo e laranja, a simular chamas.

Sorria-lhe, segurando vários cachecóis nos dedos ágeis.

— Esta cor é bonita para si, minha senhora.

— Caramba, miúdo, sou polícia.

— Os polícias sabem o que é mercadoria de primeira.

Um agente corria na direção deles e Eve mandou-o para trás com um aceno.

— Tenho dois tipos mortos com que me ocupar.

— Já os levaram.

— Viste o tipo saltar da janela?

— Não. — O miúdo abanou a cabeça, obviamente repugnado. — Não vi, mas ouvi dizer. Quando alguém se atira da janela, junta-se uma boa multidão, por isso vim para cá. Estou a fazer bom negócio. Que tal este vermelho? Fica bem com esse casaco de mazona.

Eve não podia deixar de lhe admirar a coragem, mas manteve a cara séria.

— Tenho um casaco de mazona porque sou mazona, e se isso for caxemira, engulo tudo o que trazes na mala.

— A etiqueta diz caxemira; é o que interessa. — Sorriu de novo, com ar vitorioso. — Este vermelho ficava-lhe bem. Faça-lhe um bom preço.

Ela abanou a cabeça, mas um cachecol axadrezado, preto e verde, tinha-lhe chamado a atenção. Sabia quem havia de o usar. Provavelmente.

— Quanto custa? — Pegou no cachecol axadrezado, e este era mais macio do que o julgara.

— Setenta e cinco. Preço da chuva.

Eve largou o cachecol, lançando ao miúdo um olhar que ele compreendeu.

— Tenho chuva que me baste.

— Sessenta e cinco.

— Cinquenta, nem mais um cêntimo. — Deu-lhe os créditos, pegou no cachecol. — Agora, para trás da barricada, antes que eu te prenda por seres baixinho.

— Leve também o vermelho. Vá lá, minha senhora, metade do preço. Bom negócio.

— Não. E se descubro que meteste a mão em algum bolso, vou atrás de ti. Pira-te.

Ele apenas sorriu, puxou o fecho e dobrou a mala.

— Certo. Feliz Natal e essa treta toda.

— Para ti também. — Vendo Peabody aproximar-se, Eve apressou-se a enfiar o cachecol no bolso.

— Tens aí alguma coisa. Fizeste uma compra!

— Não fiz nada. Adquiri o que é provavelmente mercadoria roubada, ou bens do mercado paralelo. Constitui uma prova.

— O tanas. — Peabody apanhou a ponta do cachecol, esfregou o tecido entre os dedos. — É macio. Quanto custou? Se calhar, também comprava um. Ainda não comprei os presentes de Natal todos. Para onde é que ele foi?

— Peabody.

— Oh, raios. Está bem, está bem. Os Estupefacientes têm ficha do Gant, Martin, também conhecido como Zero. Tive uma conversa tensa com um inspetor Piers, mas os nossos dois mortos têm mais peso do que a investigação que ele tem em mãos. Vamos buscá-lo para interrogatório.

Enquanto caminhavam para o carro, Peabody ainda espreitou por cima do ombro.

— Ele também tinha cachecóis vermelhos?

O clube estava aberto, como era comum naquele setor de atividade, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O Zero's era pouco melhor do que um estabelecimento de má fama, com um bar giratório, cubículos privados e uma decoração em preto e prateado que certamente agradava aos jovens executivos. De momento, a música era aborrecida e gravada, e os ecrãs de parede exibiam uma cara masculina banal, felizmente meio escondida atrás de um cabelo roxo escorrido. Com um ar taciturno, o homem cantava sobre a futilidade da vida.

Eve podia ter-lhe dito que para Tubbs Lawrence e Leo Jacobs a alternativa fora muito mais fútil.

O segurança era grande como um maxiautocarro, e o seu casaco a três quartos provava que o preto nem sempre tornava uma silhueta mais esbelta. Percebeu que elas eram polícias mal entraram no clube. Eve viu o brilho nos olhos dele, o modo como rodou os ombros, cheio de importância.

Ao atravessar a sala, não fez, propriamente, o chão vibrar, mas não se podia dizer que tivesse um andar gracioso.

Os seus olhos castanhos-escuros fitaram-nas com um ar severo.

— Algum problema? — perguntou, mostrando os dentes.

Habituada a que Eve assumisse o comando, Peabody atrasou-se um pouco a dar a resposta.

— Depende. Gostávamos de falar com o seu patrão.

— O Zero está ocupado.

— Bem, parece que vamos ter de esperar. — Peabody olhou demoradamente em redor. — Entretanto, damos uma vista de olhos às vossas licenças. — Foi a sua vez de mostrar os dentes. — Gosto de tratar de papelada. E aproveitamos para falar com alguma da clientela. Relações com a comunidade e tudo isso.

Enquanto falava, mostrou o seu distintivo.

— Para já, pode dizer-lhe que a inspetora Peabody, e a sua parceira, a tenente Dallas, estão à espera.

Peabody caminhou descontraidamente até uma mesa onde um homem de fato e uma mulher (que dificilmente seria casada com ele, a avaliar pela quantidade de peito que lhe escapava do *top* de lantejoulas cor-de-rosa) estavam sentados muito juntos.

— Boa-tarde! — disse Peabody ao homem, com um sorriso

entusiástico, e viu-o empalidecer. — Ora diga-me, o que o traz a este elegante estabelecimento?

O homem levantou-se, balbuciou algo a respeito de uma reunião e escapuliu-se. Então, a mulher pôs-se de pé. Sendo uns quinze centímetros mais alta do que Peabody, quase lhe esfregou o peito impressionante na cara.

— Estou a trabalhar! Estou a trabalhar!

Ainda a sorrir, Peabody tirou um bloco de notas do bolso.

— Nome, por favor.

— Mas que porra...?

— Senhora Mas Que Porra, a sua licença, por favor.

— Bull!

— Não, a sério. É só uma inspeção aleatória.

— Bull. — A mulher e o seu peito enorme voltaram-se para o segurança.

— A polícia afugentou-me o gajo.

— Lamento. Mostre-me a sua licença de acompanhante, por favor. Se estiver tudo em ordem, deixo-a voltar ao trabalho.

Bull¹, cujo nome não podia ser mais indicado para aquele corpo, pôs-se do outro lado de Peabody, e ocorreu a Eve que a sua parceira se assemelhava agora a um recheio delicado, ainda que robusto, entre duas grossas fatias de pão.

Eve ficou alerta, por via das dúvidas.

— Não tem o direito de vir aqui afugentar clientes.

— Estou só a aproveitar o tempo, enquanto esperamos para falar com o senhor Gant. Tenente, creio que o senhor Bull não aprecia agentes da autoridade.

— Sei dar melhor uso às mulheres.

Eve ficou novamente de sobreaviso, e a sua voz soou gelada como o ar de dezembro.

— Quer tentar dar-me uso a mim? Bull.

Viu o movimento pelo canto do olho, a cor berrante na estreita escada em espiral que levava ao segundo piso.

— O seu patrão sempre arranjou tempo, afinal.

Outro nome adequado ao físico, pensou Eve. Zero devia ter metro e meio de altura e não pesava sequer cinquenta quilos. Tinha aquele modo

¹ Touro, em português. (N. de T.)

de andar empreado que servia de compensação aos tipos baixos e usava um fato azul-vivo com uma camisa cor-de-rosa às flores. O cabelo era curto, liso, e lembrou a Eve representações de Júlio César.

Era muito preto, tal como os seus olhos.

Um dente de prata brilhou quando ele sorriu ao cumprimentá-las.

— Em que posso ser útil, inspetoras?

— Senhor Gant?

Ele abriu as mãos e acenou com a cabeça a Peabody.

— Podem chamar-me Zero.

— Lamentamos informá-lo de que tivemos uma queixa. Precisamos que nos acompanhe à Central de Polícia, para responder a algumas perguntas.

— Que tipo de queixa?

— Está relacionada com a venda de substâncias ilegais — disse Peabody, com um relance para um dos cubículos privados. — Como as que estão neste momento a ser consumidas por alguns dos seus clientes.

— Cabinas privadas. — Zero ergueu as mãos abertas e encolheu os ombros. — Não se pode ter toda a gente debaixo de olho. Mas vou pedir a essas pessoas que saiam, claro. Isto é um estabelecimento com classe.

— Falamos sobre isso na Central.

— Estou detido?

Peabody ergueu as sobrancelhas.

— Quer ficar detido?

O bom humor nos olhos de Zero converteu-se numa expressão muito menos agradável.

— Bull, contacta o Fienes, ele que vá ter comigo...

— À Central de Polícia — disse Peabody. — Ele que pergunte pela inspetora Peabody.

Zero pegou no casaco, um sobretudo branco comprido que devia ser cem por cento caxemira. Quando saíram para a rua, Eve fitou-o de cima.

— O seu segurança é um idiota, Zero.

Ele encolheu os ombros.

— Tem a sua utilidade.

Eve zigzagueou através da Central, com uma expressão enfadada.

— Quadra natalícia — murmurou, distraidamente, quando apanharam outro deslizante apinhado. — Anda toda a gente a tentar despachar

o trabalho, para depois ficar por aí sem nada que fazer. Arranjar uma sala de interrogatório para uma hora já foi uma sorte, da maneira como isto está hoje.

— Perda de tempo.

— Ora, Zero, sabe como são as coisas. Temos uma queixa, seguimos procedimento.

— Conheço a maioria dos polícias da Divisão de Estupefacientes. — Fitou-a, estreitando os olhos. — Não a conheço a si, mas a sua cara...

— As pessoas são transferidas, não é verdade?

Saindo do deslizante, Eve conduziu-o para uma das salas de interrogatório mais pequenas.

— Sente-se. — Indicou-lhe uma das duas cadeiras junto a uma pequena mesa. — Quer alguma coisa? Café, o que for?

— Só o meu advogado.

— Vou ver se ele já chegou. Inspetora, dá-me um minuto?

Saiu da sala e fechou a porta atrás de Peabody.

— Já ia ver se tinha migalhas nos bolsos — comentou Peabody. — Porque é que andámos às voltas?

— Se ele não perguntar, não vale a pena dizermos-lhe que somos dos Homicídios. Para já, só sabe que temos uma queixa que envolve estupefacientes. Conhece a rotina, sabe como fazer as coisas. Não está preocupado por andarmos a meter o nariz. Se tivermos uma queixa sólida, ele acha que se consegue safar; paga uma multa, volta à sua vidinha.

— Filho da mãe presunçoso — resmungou Peabody.

— Sim, portanto usamos isso a nosso favor. Apalpamos terreno. Não vamos apanhá-lo por homicídio. Mas podemos ligá-lo ao Tubbs, deixá-lo pensar que um dos seus clientes está a tentar lixá-lo. Ele que pense que só queremos pôr isto no processo. O Tubbs magoou alguém, e agora está a tentar culpar o Zero. A tentar fazer um acordo, para se safar da acusação de posse.

— Já percebi, vamos chateá-lo. Estamo-nos nas tintas, dê por onde der. — Peabody esfregou as mãos nas coxas. — Vou ler-lhe os direitos, ver se consigo estabelecer uma relação.

— E eu vou saber se o advogado já chegou. Aposto que vai para os Estupefacientes, em vez de vir para os Homicídios. — Eve sorriu e afastou-se.

À porta da sala de interrogatório, Peabody acalmou-se, depois

respirou fundo e beliscou as maçãs do rosto, para lhes dar cor. Quando entrou na sala, tinha os olhos baixos e as faces coradas.

— Vou... Vou ligar o gravador, senhor Gant, e ler-lhe os seus direitos. A minha... A tenente foi ver se o seu advogado já chegou.

Peabody pigarreou, ligou o gravador e recitou a nova declaração dos Direitos de Miranda, que Zero escutou com um sorriso arrogante.

— Eh... Compreende os seus direitos e deveres, senhor Gant?

— Claro. A tenente repreendeu-a?

— Que culpa tenho eu, se ela hoje quer ir para casa mais cedo, e se nos largaram isto em cima? Bem, temos a informação de que houve compra e venda de substâncias ilegais no estabelecimento que é propriedade de... Ups, devia ter esperado pelo seu advogado. Desculpe.

— Não há problema. — Sentindo que tinha o controlo da situação, Zero levantou o queixo e, com um gesto da mão, tranquilizou Peabody.

— Pode começar, que assim todos poupamos tempo.

— Oh, está bem. Um indivíduo apresentou uma queixa, tendo declarado que lhe comprou substâncias ilegais.

— Queixou-se de quê? De que eu vendo caro? Se eu vendesse substâncias ilegais, e não vendo, porque viria ele à polícia? Mais valia mudar de fornecedor.

Peabody retribuiu o sorriso, mas dando a ideia de forçar um pouco o seu.

— O problema é que este indivíduo feriu um outro quando estava sob o efeito das substâncias que alegadamente lhe comprou a si.

Zero revirou os olhos para o teto, mostrando-se impaciente e repugnado.

— Então ele droga-se, arma-se em estúpido e depois culpa o tipo que lhe vendeu a droga pela sua estupidez. Que mundo este.

— É isso, resumindo. Parece-me.

— Não que eu tivesse alguma coisa para vender, mas um tipo não pode ir fazer queixinhas do vendedor, compreende?

— O senhor Lawrence alega que...

— Como quer que eu saiba quem é um tipo chamado Lawrence? Sabe quantas pessoas eu vejo todos os dias?

— Bem, chamam-lhe Tubbs, mas...

— Tubbs? O *Tubbs* foi chibar-se? Aquele filho da mãe gordo?

* * *

Eve percorreu o caminho de volta, certa de ter criado confusão suficiente para o advogado perder uns bons vinte minutos à procura do seu cliente. Em vez de entrar na sala de interrogatório, dirigiu-se para a sala de observação. A primeira coisa que ouviu foi Zero praguejar, ao mesmo tempo que se levantava da cadeira.

Eve sorriu.

Peabody parecia alarmada e envergonhada. Era um bom registo, pensou Eve, o registo certo.

— Por favor, senhor Gant...

— Quero falar com esse filho da mãe. Quero que ele me olhe nos olhos.

— De momento, não nos é possível satisfazer esse pedido. Mas...

— Esse monte de merda está metido em sarilhos?

— Bem, pode dizer-se que sim. Eh... pois, é isso.

— Ainda bem. E pode dizer-lhe, da minha parte, que não quero voltar a vê-lo no meu clube. — Zero apontava um dedo a Peabody, fazendo os seus três anéis brilhar furiosamente. — Nem a ele, nem àqueles idiotas de fatinho com quem ele anda. Vai ser novamente acusado de posse e consumo, certo?

— Na verdade, ele não tinha substâncias ilegais consigo, na altura do incidente. Estamos a fazer um exame toxicológico, para podermos apanhá-lo por consumo.

— Ele tenta lixar-me, eu é que o lixo. — Tranquilo no seu mundo, Zero recostou-se na cadeira, cruzou os braços. — Digamos que eu, por acaso, lhe passei uns gramas... para consumo pessoal, não para revenda. Estamos a falar da multa habitual, serviço comunitário.

— Sim, senhor, é essa a norma.

— E se chamasse o Piers? Já trabalhei com o Piers.

— Oh, penso que o inspetor Piers está de folga.

— Passe-lhe o assunto. Ele encarrega-se dos pormenores.

— Com certeza.

— O imbecil aparece no meu clube. Pede-me uns gramas. O gordo inútil anda sempre a cravar-me, está a ver? Sobretudo Push. E não vale o tempo que perco com ele. Mas faça-lhe um favor, já que ele e os amigos são clientes habituais. É um favorzinho a um cliente. Ele quer um pacote de festa, e é o que lhe arranjo, para lhe fazer um favor... a preço de custo! Sem lucro. Assim a multa é mais baixa — lembrou a Peabody.

— Sim, senhor.

— Até lhe dei um brinde, preparado especialmente para ele.

— Especialmente para ele?

— Presente de Natal. Não cobre. Não houve transferência de fundos. Devia poder processá-lo. Devia poder processar aquele chibo filho da mãe pelo meu tempo e por danos emocionais. Vou perguntar ao meu advogado o que posso fazer quanto a isso.

— Pode perguntar ao seu advogado, senhor Gant, mas vai ser difícil processar o senhor Lawrence, visto que ele morreu.

— Que quer dizer com isso?

— Ao que parece, o brinde feito especialmente para ele não lhe caiu bem. — A Peabody nervosa e insegura tinha desaparecido, e no seu lugar ficara uma polícia empedernida. — Morreu, e causou a morte de um inocente.

— Que raio se passa aqui?

— O que se passa é que eu... já agora, sou dos Homicídios, não dos Estupefacientes... vou prendê-lo. Martin Gant, está detido pelo homicídio de Max Lawrence e de Leo Jacobs. Pelo tráfico de estupefacientes, pela posse e gestão de um estabelecimento onde se pratica a venda de substâncias ilegais.

A porta abriu-se e Eve entrou.

— Terminámos, por aqui? — perguntou Eve, num tom animado. — Estes dois simpáticos agentes vão acompanhar o nosso convidado. Ah, o seu advogado anda por aí às voltas. Vamos certificar-nos de que ele o encontra.

— Vou acabar com a vossa carreira.

Eve segurou-lhe num braço, Peabody no outro e fizeram-no pôr-se de pé.

— Não nesta vida — disse Eve, passando-o aos agentes de uniforme e vendo-o sair. — Bom trabalho, inspetora.

— Acho que tive sorte. Muita sorte. E acho que ele anda a untar mãos nos Estupefacientes.

— Sim, vamos ter uma conversinha com o Piers. Vamos tratar da papelada.

— Ele não vai ser condenado por homicídio em segundo grau. Foi o que disseste.

— Não, não vai. — Eve abanou a cabeça, enquanto caminhavam. — Talvez homicídio por negligência. Talvez. De qualquer modo, vai cumprir

uma pena. Vai estar preso algum tempo, e vão tirar-lhe a licença profissional. As multas e as despesas legais vão sair-lhe caras. Ele vai pagar. É o melhor que podemos ter.

— É o melhor que eles podem ter — corrigiu Peabody. — O Tubbs e o Jacobs.

Quando entraram na sala comum, cruzaram-se com o agente Troy Trueheart. Trueheart era alto e bem constituído, e ainda muito jovem e inexperiente.

— Oh, tenente Dallas, está aqui uma mulher para falar consigo.

— Qual é o assunto?

— Ela disse que era pessoal. — Trueheart olhou em redor, franziu o sobrolho. — Não estou a vê-la, mas acho que não se foi embora. Fui buscar-lhe um café há minutos.

— Nome?

— Lombard. Senhora Lombard.

— Bem, se a vires, diz-me.

— Dallas? Vou escrever o relatório. Gostava de ser eu a fazê-lo — acrescentou Peabody. — Ter a sensação de levar o caso até ao fim.

— Vou lembrar-te disso quando isto for a tribunal.

Eve atravessou a sala comum e foi direita ao seu gabinete.

Era uma sala pequena, onde mal cabiam a secretária, duas cadeiras e o vidro minúsculo que fazia as vezes de janela. Não teve dificuldade em encontrar a mulher.

Estava sentada na cadeira das visitas, a bebericar café de uma chávena reciclável. O cabelo era de um louro-arruivado, esticado na parte de cima e terminando numa explosão de caracóis. Tinha a pele muito branca, à exceção das faces e dos lábios pintados de rosa. Os olhos eram verdes como relva.

A mulher teria uns cinquenta e cinco anos, calculou Eve, registando tudo num piscar de olhos. Um corpo entroncado num vestido verde com colarinho e punhos pretos. Sapatos de salto alto pretos e a obrigatória mala preta, enorme, pousada no chão junto aos pés.

Deu um guincho quando Eve entrou, quase entornando o café, e apressou-se a pousar a chávena.

— *Aí estás tu!*

Saltou da cadeira, e o rosa das faces tornou-se mais carregado, os olhos ficaram muito brilhantes. Tinha um sotaque nasalado, que irritou Eve instantaneamente.

— Senhora Lombard? Não pode entrar nos gabinetes.

— Só queria ver onde trabalhavas. Oh, querida, *olha* só para ti. —
Avançou para Eve, que não teria escapado a um abraço se os seus reflexos não fossem tão rápidos.

— Pare. Quem é a senhora? O que quer?

Os olhos verdes esbugalharam-se, inundando-se de lágrimas.

— Ora, querida, não me conheces? Sou a tua mãe!

C A P Í T U L O 2



O frio alojou-se-lhe no ventre e depois subiu, gelando-a até à garganta. O gelo não a deixava respirar. Agora os braços da mulher rodeavam-na; Eve não era capaz de os sacudir. Os braços, e um intenso cheiro a rosas, sufocavam-na. E aquela voz chorosa — Texas, o sotaque do Texas — latejava-lhe na cabeça como punhos cruéis.

Ouviu o seu *link* de secretária tocar. Ouvia as conversas na sala comum. Não fechara a porta. Oh, Deus, a porta estava aberta, e qualquer pessoa podia...

De súbito, tudo era ruído, como se tivesse um vespeiro na cabeça. As vespas picaram-lhe o peito e trouxeram o calor de volta, uma onda sufocante de calor que a submergiu e lhe turvou a visão.

Não, não és. Não, não és. Não és.

Aquela voz era a sua? Um fio de voz, uma voz de criança. Estariam as palavras fora da cabeça, ou dentro dela, como as vespas?

Levantou as mãos, de algum modo conseguiu levantar as mãos e sacudir os braços moles, carnudos que a prendiam.

— Largue-me. Largue-me.

Cambaleou para trás, quase correu.

— Não a conheço. — Olhava fixamente para a cara, mas já não conseguia distinguir-lhe os traços. Era uma imagem desfocada, apenas forma e cor. — Eu *não* a conheço.

— Eve, querida, sou a Trudy! Oh, olha para mim a chorar como uma

tola. — Fungou, tirou um grande lenço cor-de-rosa do bolso, enxugou os olhos. — Que tonta, que tonta sou. Achei que me ias reconhecer assim que me visses, como eu te reconheci a ti. Claro que não nos víamos há mais de vinte anos. — Lançou a Eve um sorriso lacrimejante. — Bem sei que o tempo me tem deixado as suas marcas.

— Não a conheço — repetiu Eve, cautelosa. — Não é a minha mãe.

Trudy pestanejou. Havia algo por trás das suas pestanas, algo naqueles olhos, mas Eve não conseguia ver claramente.

— Minha querida, não te lembras mesmo? Tu, eu e o Bobby, na nossa linda casinha em Summervale? Um pouco a norte de Lufkin?

Um zunido surdo ressoou-lhe na memória, vindo de um lugar recôndito na sua mente. Mas procurar essa memória causava-lhe náuseas.

— Depois de...

— Eras tão sossegadinha, um palminho de gente. Claro que tinhas passado um mau bocado, não é verdade, querida? Pobrezinha. E eu achei que podia ser uma boa mamã para aquela pobrezinha, e levei-te para casa comigo.

— Família de acolhimento. — As palavras feriam, inchavam-lhe os lábios. — Depois.

— Afinal, *lembras-te!* — Trudy levou as mãos à cara. — Em todos estes anos, juro, não passou um dia em que não me tenha lembrado, em que não me tenha perguntado o que seria feito de ti. E vê só! Uma polícia, a viver em Nova Iorque. E casada. Mas ainda não tens bebés, pois não?

A náusea revolvía-lhe o estômago. O medo arranhava-lhe a garganta.

— O que quer?

— Ora, pôr a conversa em dia com a minha menina. — A voz era um trinado, quase uma canção. — O Bobby veio comigo. Agora é casado, e a Zana é a rapariga mais encantadora que se possa imaginar. Viemos do Texas para ver a cidade, e para encontrar a nossa menina. Temos de marcar um encontro a sério. O Bobby quer levar-nos a todos a jantar.

Voltou a sentar-se, alisando a saia enquanto observava a cara de Eve.

— Como ficaste alta! Ainda és fininha como uma cobra, mas fica-te bem. Sabe Deus que ando sempre a tentar perder uns quilinhos. Já o Bobby tem o corpo do pai... que é a única coisa que aquele inútil alguma vez lhe deu, ou a mim, na verdade. Espera até ele te ver!

Eve continuou de pé.

— Como me encontrou?

— Bem, foi um raio numa coisa estranha, peço desculpa pela

linguagem. Estava eu às voltas na minha cozinha. Como te deves lembrar, eu fazia questão de ter a cozinha sempre limpa. Tinha a televisão ligada, para me fazer companhia, e estavam a falar daqueles médicos que foram assassinados, e daqueles clones. Um pecado contra Deus e contra a humanidade, se queres saber o que eu acho, e ia mudar de canal, mas ao mesmo tempo era tão *interessante*. Até que apareceste tu, e quase me caíram os dentes quando te vi. Também mostraram o teu nome. Tenente Eve Dallas, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque. És uma heroína, foi o que eles disseram. E estavas ferida. Pobrezinha. Mas agora pareces em forma. Pareces mesmo em forma.

Estava uma mulher sentada na sua cadeira das visitas. Cabelo ruivo, olhos verdes, um sorriso doce nos lábios. Eve via um monstro com presas e garras. Um monstro que não precisava de esperar pela noite para atacar.

— Tem de sair. Tem de sair, agora.

— Deves estar cheia de trabalho e eu ponho-me para aqui a tagarelar. Diz-me só onde queres jantar e eu vou-me embora, mando o Bobby fazer a reserva.

— Não. Não. Eu lembro-me de si. — Um pouco, só um pouco. Era fácil deixar a memória enevoar-se. Era *necessário*. — Não estou interessada. Não quero voltar a vê-la.

— Como podes falar assim? — O tom era de mágoa, mas o olhar endurecera. — Como podes ser assim? Recebi-te na minha casa. Fui uma mãe para ti.

— Não, não foi. — Quartos escuros, tão escuros. Água fria. *Eu fazia questão de ter a cozinha sempre limpa*.

Não. Não penses agora. Não te lembres agora.

— O melhor é ir-se embora, agora mesmo. Discretamente. Já não sou uma criança indefesa. Por isso, o melhor é dirigir-se para a saída, e não parar.

— Ora, Eve, querida...

— Saia, saia. Agora. — As mãos tremiam-lhe tanto que Eve cerrou os punhos, para esconder os tremores. — Ou prendo-a. Você é que vai ficar presa, acredite.

Trudy pegou na sua mala, e num casaco preto que pendurara nas costas da cadeira.

— Devias ter vergonha.

Quando passou por Eve, os seus olhos estavam marejados de lágrimas. E duros como pedra.

Eve queria fechar a porta, trancá-la. Mas o cheiro a rosas saturava o ar. Sentiu um aperto no estômago e apoiou as mãos na secretária até a náusea se aligeirar.

— Tenente, a mulher que estava... Tenente, sente-se bem?

Eve abanou a cabeça ao ouvir Trueheart, fez-lhe sinal para recuar. Procurou controlar-se, endireitou-se. Tinha de se controlar até sair. Até estar longe dali.

— Diz à inspetora Peabody que surgiu um imprevisto. Tenho de sair.

— Tenente, se eu puder fazer alguma coisa...

— Já te disse o que podes fazer. — Porque não suportava a preocupação na cara de Trueheart, deixou a secretária, o *link* a tocar, as mensagens, a papelada, e atravessou rapidamente a sala comum, ignorando os acenos.

Tinha de se ir embora, sair dali. Depressa. Quando apanhou o primeiro deslizante para descer, o suor escorria-lhe pelas costas. Era capaz de jurar que tinha os ossos a tremer, e que as cartilagens nos seus joelhos rangiam, mas não parou. Mesmo quando ouviu Peabody chamá-la, continuou a andar.

— Espera, espera! Calma. Que se passa? Que aconteceu?

— Preciso de sair. Vais ter de te encarregar do Zero, do procurador. Os familiares das vítimas podem vir à procura de mais respostas. É o costume. Vais ter de lidar com eles. Eu vou-me embora.

— Espera. Valha-me Deus, aconteceu alguma coisa ao Roarke?

— Não.

— Queres parar um maldito segundo?!

Em vez disso, sentindo o estômago às voltas, Eve correu para a casa de banho mais próxima. Abandonou-se à náusea, pois que escolha tinha? Sentiu a bÍlis amarga, correndo através do medo, do pânico e da memória, e vomitou até ter o estômago vazio.

— Está tudo bem. Está tudo bem. — Tremia, e o suor escorria-lhe pela cara. Mas não havia lágrimas. Não haveria lágrimas a acrescentar à humilhação.

— Toma. — Peabody pôs-lhe toalhetes húmidos na mão. — Só tenho estes. Vou buscar água.

— Não. — Eve encostou a cabeça à parede da cabina. — Não. Qualquer coisa que entre agora vai tornar a sair. Estou bem.

— Pois. O Morris tem convidados na morgue com melhor aspeto do que tu.

— Só preciso de sair daqui.

— Diz-me o que aconteceu.

— Só preciso de me ir embora. Vou tirar o resto do dia. Tempo de compensação. Podes encarregar-te do caso, consegues dar conta do recado. — *Eu não*, pensou Eve. *Eu não consigo*. — Qualquer problema que surja... deixa para amanhã.

— Que se lixe o caso. Vou levar-te a casa. Não estás em condições de...

— Peabody, se és minha amiga, afasta-te. Deixa-me estar. Faz o trabalho — disse Eve, pondo-se de pé e vacilando. — E deixa-me estar.

Peabody deixou-a, mas, a caminho dos Homicídios, pegou no seu *link*. Talvez tivesse de se afastar, mas sabia de alguém que não teria de o fazer.

E que não o faria.

Eve pensou pôr o veículo em piloto automático, mas seria melhor assumir o controlo, concentrar-se na viagem através da cidade. Seria melhor, pensou, lidar com o trânsito, com os obstáculos, com o tempo e com o mau humor de Nova Iorque do que lidar com a sua própria infelicidade.

Chegar a casa, esse era o objetivo. Ficaria bem quando estivesse em casa. Tinha o estômago a arder e a cabeça a latejar, mas já vomitara antes, e já se sentira infeliz muitas vezes. Os primeiros oito anos da sua vida tinham sido uma viagem lenta pelo inferno, e os anos seguintes também não tinham sido um mar de rosas.

Sobrevivera. Ultrapassara as dificuldades.

Voltaria a sobreviver. Voltaria a ultrapassar as dificuldades.

Não se deixaria arrastar para o passado. Não seria uma *vítima* só porque uma voz de outro tempo a deixara em pânico.

Ainda assim, as suas mãos tremiam no volante. Abriu todas as janelas, para deixar entrar o ar frio, os cheiros da cidade.

Cachorros-quentes de soja a fumegar num carro deslizante, o arroteo acre de um maxiautocarro, um reciclador no passeio que não fora esvaziado nos últimos tempos. Eve suportava os odores fétidos da cidade e o peso das camadas de cheiros no ar, os cheiros da massa da humanidade que enchia as ruas e os deslizantes.

Suportava o ruído, os roncões e buzinas que troçavam das leis contra a poluição sonora. A onda de vozes vinha ao seu encontro, submergia-a. Milhares de pessoas apinhavam as ruas, os habitantes da cidade

caminhando a passo rápido, e os turistas, contemplativos, parando no seu caminho. Pessoas a fazer malabarismo, a carregar caixas e sacos de compras.

O Natal está a chegar. Não se atrasem.

Eve comprara um cachecol na rua a um miúdo atrevido com quem simpatizara. Um cachecol aos quadrados verdes e pretos, para o marido da doutora Mira. Que diria Mira da sua reação àquela memória infeliz?

Muito. A psiquiatra e psicóloga criminal teria muito a dizer, com a classe e a preocupação que lhe eram habituais.

Eve estava-se nas tintas.

Queria ir para casa.

O seu olhar turvou-se, de cansaço e alívio, quando os portões se abriram para a deixar entrar. O magnífico relvado estendia-se à sua frente, acres de paz e beleza no centro da cidade caótica que Eve tomara como sua.

Roarke tivera a visão, e o poder, de criar aquele porto seguro. E para Eve, aquele lugar era o refúgio que ela desejava sem saber.

Parecia uma fortaleza elegante, mas era o seu lar. Apenas o seu lar, apesar do tamanho da casa e da sua beleza imponente. Por trás das paredes, por trás da pedra e do vidro, estava a vida que ela e Roarke tinham construído juntos. As suas vidas, as suas memórias preenchiam todas aquelas divisões imensas.

Roarke dera-lhe um lar, Eve precisava de se lembrar disso. E precisava de se lembrar, também, de que ninguém lhe podia tirar esse lar, ninguém podia atirá-la de volta ao tempo em que não tinha nada, em que não era nada.

Ninguém podia fazer tal coisa, a não ser ela própria.

Mal tinha frio, tanto frio, e a dor de cabeça trepava-lhe o crânio com garras de demónio.

Arrastou-se para fora do carro. A anca, que agora lhe doía terrivelmente, fê-la vacilar. Foi pondo um pé à frente do outro, até chegar ao cimo da escada e passar a porta.

Mal se deu conta quando Summerset, o mordomo de Roarke, apareceu no vestíbulo. Não tinha energia para implicar com ele, só esperava ter a suficiente para subir a escada.

— Não fale comigo. — Agarrou-se ao pilar da escada e o suor frio nas palmas das mãos fê-las escorregar. Obrigou-se a subir, um degrau de cada vez.

O esforço deixou-a ofegante. Sentia o peito apertado, tão apertado, como se o tivessem atado com aço.

Já no quarto, despiu o casaco, deixou-o cair, e arrancou as roupas do corpo a caminho da casa de banho.

— Ligar jatos — ordenou. — Máxima potência. Temperatura elevada.

Pôs-se debaixo dos jatos de água, deixou-se envolver pelo calor. Nua e exausta, agachou-se no chão do polibã, enroscou-se e deixou que o calor e a força da água lutassem contra o frio.

Foi ali que Roarke a encontrou, enroscada sobre os mosaicos e com a água a cair-lhe em cima, sob uma cortina de vapor.

Sentiu um aperto no peito ao vê-la assim.

Pegou numa toalha.

— Desligar jatos — ordenou, agachando-se para a enrolar na toalha.

— Não. Não faças isso. — Eve empurrou-o, um gesto de defesa instintivo, sem energia. — Deixa-me em paz.

— Nem penses. Para! — O tom era severo, e o sotaque irlandês tornava-o mais acutilante. — Mais um minuto e ficavas de ossos cozidos. — Levantou-a, pegando-lhe ao colo quando ela tentou enroscar-se de novo. — Sossega. Chhh. Eu estou aqui.

Eve fechou os olhos. Para se isolar, como ele bem sabia. Mas Roarke levou-a para o quarto, subiu a plataforma onde ficava a cama e, sentando-se com ela ao colo, friccionou-lhe o corpo com a toalha.

— Vou buscar-te um roupão e um ansiolítico.

— Não quero...

— Não te perguntei se querias, pois não? — Levantou-lhe o queixo com um dedo, passando-lhe o polegar pela covinha. — Eve, olha para mim. Olha para mim agora. — O olhar dela era um misto de cansaço e irritação, e quase o fez sorrir. — Estás demasiado indisposta para discutires comigo, ambos o sabemos. O que quer que te tenha magoado... já me vais contar, depois veremos o que há a fazer. — Beijou-a na testa, nas faces, nos lábios.

— Já tratei disso. Não há nada a fazer.

— Bem, isso poupa-nos tempo, não é verdade? — Pousou-a na cama e levantou-se para lhe ir buscar um roupão quente.

Eve reparou que lhe molhara o fato. E o raio do fato devia custar mais do que o alfaiate ganhava em dois anos. Agora os ombros e as mangas

estavam molhados. Viu-o despir o casaco, pendurá-lo nas costas de uma cadeira na zona de estar.

Gracioso como um gato, pensou Eve, e muito mais perigoso. Devia estar numa das suas centenas de reuniões semanais, a fazer planos para comprar um maldito sistema solar. E agora estava ali, a remexer no armário à procura de um roupão. Alto e esbelto, um corpo de músculos elegantes e disciplinados, a cara de um jovem deus celta, com olhos azuis sedutores.

Eve não o queria ali. Não queria ninguém ali.

— Quero estar sozinha.

Ele ergueu uma sobrancelha, e quando pôs a cabeça de lado, aquelas madeixas sedosas da cor da noite ondularam-lhe em volta do rosto.

— Para cismar e sofrer, não é? Vais passar melhor o tempo a discutir comigo. Vamos, veste isto.

— Não quero discutir.

Roarke pousou o roupão na cama e curvou-se, de modo que os seus olhos ficassem ao nível dos dela.

— Se tiver oportunidade, vou apanhar quem te pôs neste estado, minha querida Eve, e arrancar-lhe a pele dos ossos. Uma camada de cada vez. Agora veste o roupão.

— Ela não devia ter-te ligado. — A sua voz soluçou antes que conseguisse controlá-la, e acentuou a humilhação. — Sei que a Peabody falou contigo. Não devia ter-se metido. Eu teria ficado bem, só precisava de algum tempo. Teria ficado bem.

— Tretas. Não é qualquer coisa que te deita abaixo. Eu sei isso, e ela também. — Dirigiu-se para o AutoChef, tirou um ansiolítico. — Isto vai atenuar a dor de cabeça, acalmar-te o estômago. Não te vou dar calmantes — acrescentou, voltando-se para ela. — Prometo.

— É uma coisa estúpida. Deixei que me afetasse, e é uma estupidez. Não é razão para isto tudo. — Puxou o cabelo para trás. — Apanhou-me de surpresa, foi isso. — Quando se pôs de pé, sentiu as pernas fraquejar. — Só precisava de vir para casa.

— Achas que me vou contentar com isso?

— Não. — Embora lhe apetecesse enfiar-se na cama e esconder a cabeça sob os cobertores durante uma hora, sentou-se e olhou-o nos olhos, quando ele se aproximou com o ansiolítico. — Não. Deixei a Peabody com uma trapalhada nas mãos. Pu-la como investigadora responsável, e ela saiu-se bem, mas deixei-a sozinha na pior altura. Foi estúpido da minha parte. Irresponsável.

— Porque fizeste isso?

Se não tomasse o ansiolítico, ele ia enfiar-lho pela boca abaixo, por isso Eve bebeu-o em três goles.

— Estava uma mulher à minha espera no meu gabinete. Não a reconheci, a princípio. A princípio. — Pousou o copo vazio. — Disse que era a minha mãe. Não era — apressou-se a acrescentar. — Não era, e eu sabia que não era, mas ouvi-la dizer aquilo abalou-me. A idade deve bater certo, e havia algo familiar nela, por isso afetou-me bastante.

Roarke segurou-lhe a mão e apertou-a com força.

— Quem era?

— O nome dela é Lombard. Trudy Lombard. Depois de... Quando saí do hospital em Dallas, fiquei à guarda do Estado. Não tinha identificação, nem memória... era uma criança traumatizada, vítima de violência sexual. Agora sei como o sistema funciona, mas na altura não compreendia o que estava a acontecer, o que ia acontecer. Ele dizia-me... o meu pai, antes, dizia-me que se a polícia ou os assistentes sociais me apanhassem, me haviam de pôr num buraco às escuras. Não foi assim, mas...

— Às vezes, os lugares que arranjam não são muito melhores.

— Sim. — Ele sabia, pensou Eve. Ele compreendia. — Fiquei numa instituição estatal durante algum tempo. Umhas semanas, talvez. Não me lembro bem. Acho que andavam à procura dos meus pais, ou de tutores, a tentar perceber de onde eu viera, o que acontecera. Arranjaram-me uma família de acolhimento. Era suposto isso ajudar a socializar-me. Entregaram-me à Lombard. Algures a leste do Texas. Ela tinha uma casa, e um filho pouco mais velho do que eu.

— Ela fez-te mal.

Não era uma pergunta. Mais uma vez, ele sabia. Ele podia compreender.

— Nunca me bateu, não como ele fazia. Nunca me deixou marcas.

Roarke praguejou, com uma raiva contida que fez mais para aliviar a tensão de Eve do que o ansiolítico.

— Sim, é mais fácil lidar com um murro do que com pequenas torturas subtis. Eles não sabiam o que fazer comigo. — Eve afastou o seu cabelo molhado, com os dedos agora firmes. — Eu não lhes dava nada. Não tinha nada para dar. Devem ter pensado que seria melhor para mim ficar numa casa onde não havia uma figura de autoridade masculina, por causa da violação.

Roarke não disse nada, mas puxou-a para junto de si e beijou-a na têmpera.

— Ela nunca me gritou e nunca me bateu... tirando umas quantas bofetadas. Certificava-se de que eu estava limpa, de que tinha roupas decentes. Agora conheço a patologia, mas, na altura, nem nove anos tinha ainda. Quando ela me dizia que eu estava imunda e me obrigava a lavar-me com água fria todas as manhãs, todas as noites, eu não compreendia. Ela parecia sempre tão triste, tão dececionada. Quando me trancava no escuro, dizia-me que era para me ensinar a comportar-me. Todos os dias havia castigos. Se não comesse tudo o que ela me punha no prato, ou se o comesse demasiado depressa, demasiado devagar, tinha de esfregar a cozinha com uma escova de dentes. Coisas deste tipo.

Fazia questão de ter a cozinha sempre limpa.

— Ela não tinha criados. Tinha-me a mim. Eu era sempre muito lenta, muito estúpida, muito ingrata, muito alguma coisa. Ela dizia-me que eu era inútil, ou má, e sempre naquela voz calma, amável, com aquela expressão perplexa e dececionada. Eu continuava a não ser nada. Pior do que nada.

— Ela nunca devia ter passado na avaliação.

— Acontece. Há piores do que ela. Tive sorte, podia ter sido pior. Eu tinha pesadelos, tinha sempre pesadelos, quase todas as noites, naquele tempo. E ela... oh, Deus, ela ia ter comigo e dizia-me que eu nunca seria forte e saudável se não dormisse bem.

Porque agora era capaz de o fazer, Eve segurou a mão dele, para se ancorar no presente enquanto recordava o passado.

— Apagava a luz e trancava a porta. Trancava-me no escuro. Se eu chorasse, era pior. Dizia-me que me iam levar e pôr-me numa cela para doentes mentais. Era o que faziam às raparigas que não se portavam bem. E usava-me como exemplo para o Bobby, o seu filho. Dizia-lhe que olhasse para mim, e que se lembrasse do que acontecia às crianças más, às crianças que não tinham uma mãe de verdade para cuidar delas.

Roarke tocava-lhe, massajando-lhe as costas, alisando-lhe o cabelo.

— Os assistentes sociais não faziam visitas?

— Sim. Claro. — Eve enxugou uma lágrima; as lágrimas eram inúteis, no passado como agora. — Era tudo muito bonito à superfície. Casa limpa, jardim cuidado. Eu tinha o meu próprio quarto, roupas. O que podia eu dizer-lhes? Ela chamava-me de má. Eu tinha pesadelos em que me via coberta de sangue, por isso ela devia ter razão. Quando ela me dizia

que me tinham maltratado, que me tinham deitado para o lixo porque eu era má, eu acreditava nela.

— Eve. — Roarke segurou-lhe nas mãos e levou-as aos lábios. Queria tocar-lhe, cobri-la com algo suave, algo belo. Queria abraçá-la até apagar cada uma daquelas memórias terríveis. — Um milagre, Eve, é o que tu és.

— A Lombard era uma mulher cruel, sádica. Outra predadora. Agora sei isso. — E não podia esquecê-lo, pensou Eve, respirando fundo. — Mas naquela altura eu só sabia que era ela que mandava. Fugi. Só que era uma cidade pequena, não era Dallas, e encontraram-me. Da segunda vez que fugi, tinha um plano melhor; consegui chegar a Oklahoma, e quando me encontraram, dei-lhes luta.

— Claro que deste — disse Roarke, com uma combinação de orgulho e raiva que a fez rir.

— Esmurrei o nariz a um dos assistentes sociais. — E essa memória, pensou Eve, não era assim tão má. — Fui parar a um centro de detenção juvenil, por algum tempo, mas era melhor do que estar com ela. Pus isto para trás das costas, Roarke. E hoje, ali estava ela, sentada no meu gabinete, e voltei a sentir-me como uma criança assustada.

Roarke gostava que Eve tivesse esmurrado o nariz de Trudy Lombard, que tivesse feito um pedacinho de justiça. Agora estaria a sentir-se melhor.

— Ela nunca mais te fará mal.

Eve encarou-o, olhos nos olhos.

— Fiquei de rastos. Destroçada. Agora já me sinto calma o suficiente para estar lixada com a minha reação. O caso Icové.

— O quê?

Eve curvou-se, pôs a cabeça entre as mãos e esfregou a cara com força, antes de voltar a endireitar-se.

— Ela disse que me tinha visto a dar uma entrevista sobre os homicídios dos Icové, o fiasco do Nascimento Silencioso. Perguntei-lhe como me tinha encontrado, e ela disse que ouvira falar do caso.

Roarke rodou o ombro que ainda estava a recuperar, um movimento que se tornara um hábito.

— Duvido que haja alguém no universo conhecido que não tenha ouvido falar desse caso. E ela veio a Nova Iorque só para te ver?

— Disse que queria pôr a conversa em dia, ver o que era feito de mim. Queria uma reunião feliz. — Eve estava suficientemente restabelecida para falar com azedume e cinismo. Era música para os ouvidos de Roarke.

— Parece que veio com o filho e a nora. Corri com ela. Pelo menos tive energia para isso. Ela fitou-me com aquela mesma expressão, perplexa e decepcionada... com a raiva contida.

— Vais certificar-te de que ela se vai embora e não volta. Eu posso...

— Não, não vou certificar-me de nada. — Eve afastou-se, pôs-se de pé. — Não vou fazer nada, e tu também não. Quero esquecer isto, esquecer que ela existe. Apareceu aqui para me lembrar de um passado que ela poliu e envernizou, mas se espera retirar alguma satisfação disto, não vai tê-la. Se a Peabody não tivesse metido o nariz onde não era chamada, eu teria ficado bem antes de chegares a casa. Não estaríamos a ter esta conversa.

Roarke esperou um longo minuto, depois também se levantou.

— E era assim que terias lidado com isto? Não me contando nada?

— Neste caso, sim. Está resolvido, está terminado. É um problema meu. Deixei que isto me perturbasse. Agora já não estou perturbada. Não tem nada que ver connosco. E não quero que tenha. Se queres ajudar-me, deixa-me esquecer isto.

Roarke ia falar, mas pensou melhor. Encolheu os ombros.

— Está bem, então.

Pousou as mãos nos ombros de Eve, friccionou-os. Puxou-a para si, e sentiu o corpo dela relaxar junto ao seu.

Ela estava realmente perturbada, pensou Roarke, se acreditava que a mulher aparecera ali, vinda do Texas e do passado, sem um objetivo concreto.

Havia um objetivo, que em breve se tornaria claro. Era apenas uma questão de tempo.

— Está a escurecer — murmurou Roarke. — Acender luzes de Natal.

Eve virou a cabeça, encostada ao ombro dele, e olharam juntos para o enorme pinheiro vivo junto à janela, onde as luzes festivas agora se acendiam.

— Ficas sempre tão entusiasmado — disse-lhe, em voz baixa.

— O entusiasmo pelo Natal nunca é de mais. Especialmente no nosso caso, quando tivemos tantos Natais com tão pouco. Além disso, agora é uma tradição para nós, não é? Uma árvore no quarto, nesta altura do ano.

— Tens uma árvore de Natal em praticamente todas as divisões da casa.

Ele sorriu de orelha a orelha.

— É verdade. Sou um sentimental. — Beijou-a, suavemente, depois estreitou-a novamente nos seus braços. — O que dizes a um jantar

tranquilo aqui em cima? Sem trabalho para nenhum de nós. Algum tempo de ecrã, um copo de vinho. Fazemos amor.

Ela apertou os braços em volta dele. Precisava de se sentir em casa, pensou, e era como se sentia.

— «Obrigada», é o que digo.

Quando Eve adormeceu, Roarke deixou-a, por pouco tempo, e dirigiu-se para o seu escritório privado. Atravessou o chão de mosaicos, pousou a palma da mão no leitor biométrico.

— Roarke — disse. — Ligar equipamento.

Enquanto a consola zunia e as luzes começavam a piscar, Roarke usou o *link* da casa para contactar Summerset.

— Se alguém de nome Lombard tentar contactar a Eve aqui, passa a chamada para mim. Esteja eu onde estiver.

— Claro. A tenente está bem?

— Está, sim. Obrigado. — Desligou e deu instruções ao computador para uma busca. Precisaria de algum tempo para descobrir onde essa Lombard estava hospedada, na sua visita a Nova Iorque. Mas era sempre melhor saber a localização de um adversário.

Não tardaria a descobrir o que queria a mulher, embora, na verdade, já o soubesse.